

Vol 5 Issue 11 August 2016

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Manichander Thammishetty
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pintea Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....



THE MYTH OF THE BOTO AND THE SYMBOLIC MEANING ABOUT THE FLOODED LOWLAND WOMEN'S SEXUALITY

Valdenei de Souza Santos¹ and Iraíldes caldas Torres²

¹Master degree student in Society and Culture in Amazonia / Federal University of Amazonas – UFAM (Brazil).

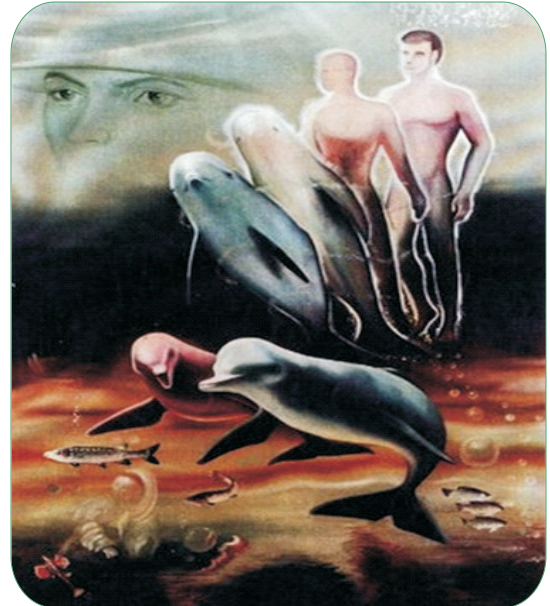
²Pós doctor degree in Social Anthropology by Université Lumière Lyon 2, France. Professor and Researcher at Federal University of Amazonas – UFAM.

Resumo

O imaginário amazônico é rico em seres sobrenaturais. O boto é um desses seres sobrenaturais que é bastante respeitado pelo povo amazônica ribeirinho. Ele é temido pelos moradores dos ribeirões amazônicos, pois para eles o boto é um ser encantado, possui poder de se ingerir em homem, passando a namorar as mulheres da comunidade. Esse cetáceo marinho que acompanha barcos e canoas, e faz piruetas nas águas amazônicas para chamar a atenção carrega consigo uma carga simbólica imaginária que ordena a vivência da mulher e da comunidade do Sagrado Coração da Costa da Águia. A comunidade do Sagrado Coração da Costa da Águia acredita na capacidade que o boto tem de ingerir-se em homem e subir à comunidade para viver casos amorosos com as mulheres das quais ele se enamora durante o dia, passando a visitá-las durante a noite. O resultado das visitas noturnas deste encantado é um filho sem pai, e a saudade do amor que foi abandonado. Os moradores da Costa da Águia levam muito a sério o boto, não brincam com ele, pois temem que o mesmo se zangue e venha se vingar dos atos feitos contra o mesmo. Acreditam que a mulher em seu ciclo menstrual torna-se impura e vulnerável ao ataque do boto, que é atraído pelo cheiro do sangue menstrual.

Palavras Chave: seres sobrenaturais, encantado, ingerir, mulheres.

O MITO DO BOTO E O SENTIDO SIMBÓLICO DA



SEXUALIDADE DAS MULHERES DE VÁRZEA

INTRODUÇÃO

A cultura amazonense é um santuário repleto de encantos e belezas inefáveis, cada lugar possui seus cantos, mitos, lendas que povoam de mistérios as vivências do povo amazônico. Toda população que mora à beira do rio, os que moram no beiradão, que são os habitantes da área de várzea desenvolvem sua vida baseada na cíclica da natureza.

Para o objeto de análise foi escolhido as histórias do boto, narradas pelos moradores da comunidade do Sagrado Coração da Costa da Águia, município de Parintins-AM, o boto faz parte do universo simbólico das comunidades amazônicas. A mulher por ele abordadas se enamora do mesmo,

chegando ao ponto de engravidar e adoecer durante suas visitas noturnas.

Os moradores da comunidade da Costa da Águia carregam uma característica muito forte dos povos da Amazônia, a crença no sobrenatural. Acreditam fortemente nas narrativas do boto, que se desenrolam com a moça que engravidou e não tem marido, com a mulher casada que o marido esta viajando e até com as viúvas.

As relações amorosas do boto acontecem quando a mulher está envolvida no ciclo menstrual. Para os comunitários o período menstrual da mulher atribui à mesma característica de impura e atrai coisas negativas para a mesma e a comunidade.

No período menstrual que demora cerca de 05 a 07 dias, as mulheres da comunidade devem evitar ir à beira do rio, sair de casa, devem fazer o resguardo. Assim, para que a mesma possa tomar banho, lavar roupa e fazer comida, durante seu ciclo, marido, filho, pai e irmãos carregam água com a finalidade de manter a mulher em descanso e não permitir que ela vá até a beira do rio.

Ela deve evitar os horários que são tidos como perigosos por todos, jamais ir à beira do rio sozinha às seis da manhã, ao meio dia, as três e às seis horas da tarde. O boto costuma assumir a forma humana para exercer seu poder de sedução, torna-se um homem irresistível, depois de toda sedução o mesmo abandona seu amor, deixando o filho e a saudade.

O pensamento da mulher guerreira e sedutora sexualmente aparece nas crônicas dos primeiros viajantes no século XVI, quando foi registrado por Francisco Orellana na foz do rio Amazonas, o que o mesmo denominou de icamiabas.



Para que o boto não venha praticar a malinesa com as mulheres, as mesmas devem cumprir as normas estabelecidas para esse período, isso garantirá que ela e os comunitários passem pelo período menstrual da mulher sem atrair para si e para os outros a malinesa do boto.

A influência do mito do boto

A comunidade do Sagrado Coração da Costa da Águia, é uma área de várzea, no Baixo Amazonas, município de Parintins, constrói parte do seu patrimônio cultural com as histórias do boto, que se fazem no dia-a-dia local.

A Costa Águia foi fundada a mais de 100 anos, e desde a sua fundação as narrativas do boto participam da vida de seus moradores. Essas narrativas fantásticas e maravilhosas traduzem o patrimônio cultural baseado nas experiências vividas na beira do rio e nos caminhos da comunidade. As peripécias desse cetáceo são contadas na comunidade ao longo do tempo de pai para filhos.

A pesquisa busca compreender como o caboco de várzea da Costa da Águia do Município de Parintins é influenciado pelas narrativas imaginárias do boto e através dela busca para sua vivência o sentido mítico simbólico, tendo como ponto de partida as relações e as experiências vividas com a natureza em sua prática cotidiana.

Para os moradores da comunidade, o boto não é somente um mamífero ou golfinho marítimo, que nada nas águas amazônicas. Para a população amazonense e da Águia o mesmo carrega um simbolismo (signos) significativo para a vida e cotidiano das pessoas, principalmente das mulheres que estão no ciclo menstrual.

Com a presença do boto no imaginário dos moradores da região as mulheres são as principais protagonistas dos contos apresentados, pois, nelas recaem regras simbólicas que as expõem em contato com esse ser místico.

A mulher deve evitar o desencadeamento dos efeitos da sua impureza, para se resguardar durante o ciclo menstrual e o parto. Nesse simbolismo de mulher impureza, encontramos a porta de entrada para o agir do boto. Com isso, o simbólico ocorre através do processo natural, tornando-se real e racional a todos.

O simbolismo apresentado nas histórias contadas pelas pessoas da comunidade descreve como o boto incorpora em homem e quais as atitudes, ações e comportamento que ele provoca nas pessoas. Ao incorporar-se em homem, o boto estabelece relação com o perspectivismo de Viveiros de Castro (1996, p. 117) na medida em que nos coloca diante da teoria que “os animais são gente, ou se vêem como pessoas”.

Laplantine e Trindade (2003) ressalva dizendo que o símbolo comporta de componente racional real e representa o real, ou tudo aquilo que é indispensável ao homem, tornando-se presente na vida social, familiar, econômica, religiosa, política.

Para os comunitários da Costa da Águia o boto é um elemento cultural que interfere nas experiências vividas, pois, quando a mulher desobedece às regras simbólicas da comunidade, recai sobre os moradores um castigo ou punição.

Neste caso, as experiências sociais não esgotam, pelo fato dos signos serem presente na vida das pessoas, onde todos os elementos que caracterizam a lenda do boto estão associadas na vida social e as redes simbólicas (LAPLANTINE E TRINDADE, 2003).

PERCURSO METODOLÓGICO

Para o levantamento da pesquisa realizamos uma viagem de recreio para a comunidade do Sagrado de Jesus da Costa da Águia, distante duas horas e meio da sede do município de Parintins, localizada a margem direita do rio Amazonas, estando assentada geograficamente em área de várzea. A localização da comunidade vai além do espaço econômico e geográfico, das relações culturais, possui uma dimensão do imaginário mitológico, simbólico. As populações tradicionais, como os moradores da Águia, eles têm intimidade com o ambiente vivido. Domina perfeitamente os ciclos a que esta exposto, como os períodos de seca e subida dos rios, suas estações de escassez e fartura, tanto do rio como da terra.

Respeitam os mistérios do rio e da floresta, que possibilita ao mesmo o cuidado com o ambiente onde habitam. No caso do rio, o respeito e o cuidado são redobrados, pois o rio carrega consigo dois seres bastante respeitados a cobra grande e o boto.

A pesquisa foi feita através de entrevista semiestruturada. A chegada ao campo de pesquisa deu-se por conversa informal, preliminar aos moradores, com intenção de estabelecer laços de confiança. Falou-se com o presidente da comunidade onde foi esclarecido o objetivo do trabalho e a importância da contribuição dos mesmos.

Passamos três dias na comunidade para fazer as entrevistas, pois em conversa com os entrevistados os mesmos marcaram o melhor momento para a entrevista, sempre após o trabalho do dia. Durante a espera visitamos a comunidade e conversou-se com alguns moradores de forma informal sobre o assunto da pesquisa. Fomos bem recebidos por todos.

O boto se faz presente no cotidiano da comunidade, pois é visto várias vezes durante o dia passando diante da comunidade, chamando a atenção com seus zunidos. Todos respeitam esse ser aquático, pois qualquer gesto ou fala que desagrade tal ser, provoca punições para aquele que ousou desafiá-lo.

Na comunidade o boto é conhecido e temido como um ser malino, por isso é respeitado, nos dizeres de Galvão (1978, p. 67) “os botos têm hábitos muitos peculiares. Quando um deles segue a

canoa o melhor é ignorá-lo, pretender-se que não se viu o boto. Fazer zoadas ou simplesmente observá-lo é atrair sua malignidade”.

O boto é particularmente atraído pelo cheiro de sangue de mulheres menstruadas, na comunidade sua presença passa a ser mais forte se houver alguma moça menstruada. Ele fica mais agitado, passando a toda hora, qualquer moça que vá a beira do rio lavando roupa ou pegando água (carregando), então como dizem os moradores, ele mais busca chama a atenção.

O caboco da beira do rio tem a crença em seres que possuem a capacidade de se ingerir, em outros seres, como em gente, por exemplo, acreditam que alguns seres aquáticos e da floresta devem ser temidos, pois possuem a capacidade de encantar as pessoas fazendo com as mesmas fiquem desorientadas.

O homem da várzea amazônica é católico, ele possui um santo de sua devoção, mas também acredita em outros seres sobrenaturais. Seu universo mítico é constituído por muitos mitos, lendas, narrativas, credences, superstições e simpatias, seu universo de vivência é mítico, ele é ao mesmo tempo religioso e temeroso às punições da natureza por algum ato intencional ou não sobre a mesma.

O homem da várzea amazônica vai ao culto dominical, reza para o santo de sua preferência, porém é adepto da pajelança caboca que é praticada pelo curador da comunidade. Na comunidade da Costa da Águia todos professam a religião católica. Esse catolicismo tem origem ibérica, com a prática particular de culto aos santos.

O caboco tem uma relação de profundo respeito com os santos que são considerados como divindades, Galvão (1976, p. 31) relata que

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquele sua parte do contrato, o santo fará o mesmo.

A crença nos poderes dos santos não garante toda a necessidade que a comunidade e o homem precisam no ambiente local e nos setores da vida de cada um, eles buscam outras formas crenças que são incorporadas as suas práticas cristãs. Nas sociedades amazônicas o catolicismo popular se sobrepõe como um sistema ideológico que suplanta as crenças locais, porém não consegue satisfazer as exigências da comunidade.

O controle da igreja católica quanto à prática da pajelança não impede que ela seja praticada, pois o homem amazônico incorporou em sua sessão de cura os santos católicos. Maués (1995, p.482) relata que

mesmo o pajé ou curador, ao participar de missas, procissões, ladainhas e outras práticas do catolicismo, momentaneamente “esquece” os encantados e se mostra católico, para atualizar o culto dos santos. Todavia, o mesmo não se dá quando ocorre uma sessão de cuja pajelança, pois os santos católicos estão presentes, como imagens, ou invocação (inclusive dos próprios encantados).

As experiências religiosas cotidianas desse amazônida são acompanhadas de ritos. O homem da várzea amazônica se benze diante do rio ao descer para o banho e para apanhar água para os afazeres domésticos, ao sair para o roçado ou para a pescaria, quando vê um morto, um velório, um enterro, nas missas do domingo, etc.

Quando ele ritualiza os fatos míticos religiosos, o mesmo faz a atualização dos casos que ocorreram em um passado distante, quando tudo começou, casos que se fazem presentes na história da existência humana, e que são marcadas por fases, que o ser humano vai passando ao longo da vida.

O homem amazônico tem profundo respeito e temor pelo sobrenatural. Esse temor é herdado do seu ancestral ameríndio, que possuía uma concepção de universo carregada de crenças, e através delas procurava explicar o que estava ao seu redor, mas não compreendia.

Esse respeito carregado de temor que os

Eduardo Galvão (1976, p. 3) lembra que “essa maneira de ver o mundo não representa o simples produto da amalgamação de duas tradições, a ibérica e a do indígena. Essas duas fontes suprimiram o material básico de que envolveu a forma contemporânea da religião do caboclo amazônico”.

As populações do interior de várzea do Amazonas estão localizadas as margens do rio, organizados em pequenas comunidades, que através da religião reproduzem seu padrão cultural de acordo com o local da região em que está inserida, cada comunidade faz devoção a um santo da hierarquia católica.

O Santo escolhido pela comunidade no momento de sua fundação é chamado de “Padroeiro”, ou seja, o santo de devoção da comunidade. De acordo com o calendário católico, são organizadas as festas em homenagem ao referido santo.

Sobre as festas de santo Wagley (1988, P. 201) considera que

As festas que se realizam dentro da área da comunidade, entretanto congregam a “nossa gente”, como diz eles. Tais festas não só proporcionam distrações para os habitantes da cidade e das aldeias, como ainda contribuem para unificar a comunidade, estabelecendo, com essas relações sociais, um elo entre a gente da cidade e os habitantes das zonas rurais.

No dia a dia da comunidade a igreja fica fechada, só abrindo aos domingos para o culto dominical, que é proferido pelo presidente da comunidade, ou por pessoas mais velhas de prestígio e respeito na comunidade. Aos domingos os moradores se reúnem para rezarem juntos o culto em honra ao Sagrado Coração de Jesus, que é o santo protetor da comunidade,

O mundo mítico da várzea amazônica

O Estado do Amazonas é rico em biodiversidade e diversidade cultural. Cada pedaço de chão possui características próprias e singulares do lugar. Em sua corrente cíclica da várzea amazonense, o homem ribeirinho vive sob a égide de duas estações: o verão e o inverno.

No verão a temperatura é quente e o clima muito úmido. Nesse período a pesca do peixe liso se intensifica. No inverno as chuvas molham a terra, provocam a subida das águas e a inundação das terras baixas chamadas de várzea.

O morador da comunidade de várzea faz culto para o santo de sua devoção e para o santo da comunidade nos dias de festas e durante o ano. Os cultos aos santos não se constitui para esse ribeirinho como o único elemento de referência à religião, ele possui outras entidades a quem dedica também sua atenção.

Geralmente cada morador possui em sua casa um pequeno oratório com o santo de sua preferência, que nem sempre é o padroeiro da localidade. Muitas vezes as promessas são feitas para o santo de sua devoção e não para o santo da localidade.

Maués (1995, p.16) caracteriza o catolicismo popular como “aquele conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas como católicas, de que partilham sobretudo os não especialistas do sagrado, quer pertençam às classes subalternas ou as classes dominantes”.

Nas comunidades ribeirinhas de várzea o mito é bastante presente como o curupira, a cobra grande, a matintaperera, os encantados, as mães de bicho, bichos visagens, etc. Eliade (1986, p. 84) situa no espaço e no tempo a narrativa mítica

O mito é pois história que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os

Seres divinos fizeram no começo do tempo. 'dizer' um mito é proclamar o que se passou ab origine. Uma vez 'dito', quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta.

Existe uma centena de conceito sobre o mito. Outro conceito para é que ele é uma narrativa popular que não consegue distinguir sua origem, são denominados de estórias imaginárias. Melo (2002, p. 45) dá ao mito a seguinte versão

O mito e uma narrativa alegórica, que em geral procura explicar acontecimentos anteriores aos fatos históricos. A mitologia indígena, por exemplo, e rica em formulações sobre a origem dos homens, dos bichos, das árvores, das coisas. Por outro lado, há uma serie de mitos populares de procedência europeia, introduzidos durante a colonização que ainda sobrevivem em muitas comunidades. São aquelas assombrações, tipo lobisomem, moura-encantada, mula sem cabeça, etc.

Como a característica da religiosidade do homem de várzea é católica, ele é fortemente influenciado pela sua formação ameríndia, portuguesa e africana que ele expressa através das crenças e das praticas religiosas que remontam sua origem.

O imaginário do homem de várzea é permeado por uma série de crenças locais como visagens e narrativas como do boto que acredita ser encantado, pois para ele o mesmo se ingera em homem e sobe na comunidade para fazer suas conquistas.

Para o morador da várzea o boto é um animal encantado que habita o fundo do rio e dos igarapés, que seduz e atrai em especial às mulheres com quem coabita e gera filhos e tem o poder de malinar daqueles que dele zombam.

O homem da várzea acredita em outros seres sobrenaturais, que são os bichos visagens, que se localizam em lugares específicos da floresta ou do rio, pois para esse amazônida os rios, os igarapés e a floresta possuem seus protetores.

Todos esses contos e lendas formam o imaginário do homem da várzea que mora na beira do rio, o mesmo baseia sua vida na maioria das vezes por essas narrativas místicas. O homem da várzea Amazônica vive em equilíbrio com a natureza, sua vida e totalmente regida por ela.

No mundo sobrenatural do homem de várzea podemos encontrar os bichos visagentos, os companheiros do fundo - também denominados de encantados-, ás mãe de bicho, a crença na panema e na pajelança.

A panema quase sempre é provocada pela mulher em seu período menstrual ou grávida atribui às pessoas e objetos deixando, nos mesmos uma má sorte. Quando a panema afeta a pessoa a mesma passa por uma fase em que nada dá certo em sua vida de modo geral. Nas palavras de Galvão (1976, p.81)

[...] a panema passou ao linguajar popular de Amazônia com o significado de "má sorte", "desgraça", "infelicidade". Incapacidade, talvez a melhor interpretação. Não se trata propriamente de infelicidade ocasional, má sorte, azar, mas de uma incapacidade de ação, cujas causas podem ser reconhecidas, evitadas e para as quais existem processos apropriados.

O contato de mulheres menstruadas com os instrumentos de trabalho e de pesca pode empanemá-los. Para a cura da panema seja retirada é preciso que se façam defumações e banhos com ervas, alho e pimenta. Esse procedimento não causa qualquer aquele que produziu a panema.

Os caruanas, também conhecidos por companheiros do fundo, moram em um reino encantado, no fundo do rio, que são descritas como grandes cidades submersas. O homem ribeirinho detalha esse o reino do fundo como a cidade material que habitamos. Geralmente na comunidade eles conhecem alguém que quase foi encantado, que sumiu por horas e até dias voltou, e passa a contar o que viu, mas ressalta que nada comeu, pois se comesse não poderia mais voltar para o mundo dos vivos.

É nessas cidades que habitam os encantados. Os encantados são seres que passaram para o

mundo espiritual sem passar pela experiência da morte. O boto se enquadra na categoria de seres encantados. Os habitantes do fundo tem a forma humana quando estão na sua cidade submersa.

O homem ribeirinho conhece duas espécies de boto, o tucuxi e o vermelho. Os botos costumam acompanhar as embarcações nadando ao lado das mesmas, são brincalhões e saltam das águas chamando a atenção de quem viaja de barco. São extremamente inteligentes, tem uma audição apurada, se comunicam com um barulho característico e se alimentam de peixes. No imaginário do homem amazônida o boto tucuxi é um boto bom que ajuda o homem, se ele necessitar; o boto vermelho é tido como malvado, alaga canoa, malina das pessoas.

Quando um boto acompanha a embarcação o melhor que se faz é não dar atenção a ele, fazer de conta que não está vendo, não zombar, evitar barulho e piadas, pois a simples observação do mesmo atrai a sua malina. O boto malina das pessoas provocando febre, dor no corpo, palidez e dor de cabeça.



A moça menstruada é seu ponto fraco, portanto a mulher deve evitar andar de canoa e se aproximar de igarapés e rios. Um ataque de boto pode levar a moça a buscar incessantemente o rio, na tentativa de ir à busca do mesmo. O período do menstrual da mulher atrai a impureza, e tudo o que ela toca também passa para esse estado de pecado. A impureza nas palavras de Caillois (1963, p. 56) a “impureza reúne em si a doença, a fraqueza, a covardia, a imperícia, a enfermidade, o azar, a miséria, o infortúnio, a

danação”, deixando a mesma vulnerável, enfraquecida, presa fácil para a maldade do boto.

Uma que a mulher tenha sido atacada pelo boto, sua mazela só terá fim se houver a intervenção do curador através da pajelança cabocla, os ataques de boto médico não cura só o curador. Essas crenças são esclarecidas por Galvão (1976, p. 4) que nos coloca “a maioria das crenças não católicas do caboclo amazônico deriva do ancestral ameríndio. Foram, entretanto, modificadas e influenciadas no processo de amalgamação com outras com outras de origem ibérica e mesmo africana”.

Considerações finais

O universo simbólico cultural amazonense é povoado por seres imaginários que habitam os mais variados recantos, dando a esta região um imaginário que carrega consigo uma beleza imensurável em toda sua plenitude.

Grande parte desse universo simbólico cultural é resultado da herança indígena tupi-guarani que ocuparam de parte da região e seus afluentes. No período da colonização os tupi foram aldeados nas missões e sua língua foi adaptada para ser de língua geral dos aldeamentos e utilizada por comerciantes e colonizadores que por aqui chegavam.

Essa herança indígena foi se fundindo com a herança europeia trazida pelos colonizadores e a negra que veio com os imigrantes africanos que eram trazidos como escravos e que fugiam de seus donos, nesta região desenvolviam seus ritos culturais para lembrar sua terra distante.

As crenças católicas e não católicas do caboclo de várzea do baixo Amazonas resultam dessa miscigenação de crenças a santos e a seres sobrenaturais. O homem de várzea vivencia sua cultura através de danças, contos, poesias, lendas, histórias, mitos, credences, superstições, artesanatos, usos, costumes, narrativas, enfim uma série de tradições transmitidas de gerações em gerações.

Uma das características das crenças cabocas é que elas são de origem mítica, foram criadas por alguém cujo nome é ignorado, incorporando-se nas manifestações populares da região e da

comunidade, isto é, passam a fazer parte da vida cotidiana da localidade, sendo entendida como verdade absoluta.

Um dos mais importantes exemplos desse tipo de mútua influência é representado pelos africanos trazidos como escravos para o Brasil. No princípio formavam agrupamentos isolados, o que favorecia a manutenção das suas tradições com bastante fidelidade, e quando esses grupos desfizeram-se os mesmos encarregaram-se de espalhar Brasil a fora sua influência cultural.

O colonizador trouxe para Brasil muitas manifestações do folclore lusitano que, por sua vez encontrou aqui um folclore riquíssimo, contado pelos indígenas, principalmente hábeis contadores de histórias, que possuíam lendas para explicar a origem de todos os fatos importantes com que conviviam. Essa mistura de saberes culturais deu origem à pluralidade da religião brasileira.

A Cobra Grande e o boto vivem nas águas dos nossos rios e seus afluentes e exigem por parte do caboclo especial atenção, visto que os feitos desses dois seres aquáticos permeiam a vida dos povos que moram nas margens do rio Amazonas.

Essas crenças são incorporadas à religião e fazem parte da vivência das comunidades de várzea amazônica, visto que exprimem relações com o sobrenatural. Muitas dessas crenças adentraram o imaginário caboclo a partir da colonização, GALVÃO (1976, p. 66) nos esclarece que

Algumas crenças derivam de tradições européias conservadas e transmitidas pelos colonos dos primórdios do povoamento ou mesmo por imigrantes recentes, outras, trazidas pelos escravos africanos e, finalmente, muitas que se atribuem ao ancestral ameríndio”.

A maioria das crenças amazônicas tem origem ameríndia na maioria dos autores analisados. Galvão (1976, p. 66) constata que

A origem ameríndia, e mais particularmente, tupi-guarani, de crenças e concepções de sobrenaturais como as que se referem ao curupira, a matintaperera, ao boto, e outros seres, que na concepção do caboclo habitam a água, o fundo dos rios, ou da floresta. Essas identificações merecem crédito.

Todas essas manifestações relacionadas ao imaginário caboclo falam muito do seu modo de ser e de viver, devem ser respeitadas, pois para o mesmo elas possuem enorme significado de orientação familiar e social. A religião tem forte impacto na vivência do caboclo que reverencia o santo de sua devoção, mas não esquece os seres sobrenaturais que acredita também habitar a comunidade seja nas matas seja nos rios.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano/Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1986.
2. CAILLOIS, Roger. O homem e o sagrado. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1963.
3. GALVAO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, baixo Amazonas. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.
4. LAPLATINE; TRINDADE, François; Liana. O que é o imaginário. Ed. Brasiliense. 2003.
5. MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesial. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia/ Raymundo Heraldo Maués. – Belém :Cejud, 1995.
6. MELO, Luiz Gonzaga de. Antropologia Cultural: Iniciação Teoria e Temas. 9ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.
7. WAGLEY, Charles. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos/ Charles Wagley; tradução de Clotilde da Silva Costa. – 3. ed. – Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo: Editora da

Universidade de São Paulo, 1988.

3. Ato de metamorfosear-se em outro ser, homem que se transforma em boto e vice-versa.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal

For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.ror.isrj.org